

AS RUGOSIDADES DA PAISAGEM SERRANA DO LENHEIRO, SÃO JOÃO DEL REI – MINAS GERAIS

Maisa dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3868-3209>

Universidade Federal de Uberlândia, Doutoranda em Geografia, Uberlândia - MG -
Brasil
maisa.dossantos@ufu.br

Maria Beatriz Junqueira Bernardes

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7002-2182>

Universidade Federal de Uberlândia, Professora (IG/UFU), Uberlândia- MG- Brasil
mariabeatrizjunqueira@gmail.com

Recebido em: 10.07.2025

Aceito em: 19.08.2025

Resumo: A pesquisa analisa os resquícios da mineração colonial nos séculos XVIII e XIX, na Serra do Lenheiro, construídos por meio do trabalho de pessoas escravizadas. O estudo analisou as “Betas”, “Canal dos Ingleses” e os “Muro de Pedra” a partir do conceito de “rugosidade” e a categoria de “paisagem” elaboradas por Milton Santos (2008; 2021) para evidenciar a importância da preservação destes bens históricos como forma de enfrentamento ao “memoricídio” e “epistemicídio” do período escravocrata. A pesquisa possui caráter exploratório-descritivo, e a metodologia adotada consistiu em: i) revisão bibliográfica; ii) análise documental; e iii) trabalho de campo. Compreendeu-se que as rugosidades permitem o reconhecimento espacial do povo negro e evidência a história territorial do povo afro-brasileiro.

Palavras-chave: Geografia; Racismo; História Territorial.

THE ROUGHNESS OF THE LENHEIRO MOUNTAIN LANDSCAPE, SÃO JOÃO DEL REI, MINAS GERAIS

Abstract: This research examines the remnants of colonial mining activities from the eighteenth and nineteenth centuries in the Serra do Lenheiro, built through the labor of enslaved people. The study focused on the *Betas*, the *Canal dos Ingleses*, and the *Muro de Pedra*, employing Milton Santos' concepts of “rugosity” and “landscape” (2008; 2021) to highlight the importance of preserving these historical assets as a means of confronting both “memoricide” and “epistemicide” in the slaveholding period. The research is exploratory and descriptive, and its methodology comprised: (i) bibliographic review; (ii) documentary analysis; and (iii) fieldwork. The findings suggest that rugosities enable the spatial recognition of the Black population and reveal the territorial history of the Afro-Brazilian people.
Keywords: Geography; Racism; Territorial History.

INTRODUÇÃO

Para o geógrafo Ruy Moreira “desvendar máscaras sociais” é uma das funções dos geógrafos, no qual ele deve revelar as relações de classe que constroem as relações

sociais no espaço. Nesse sentido, a Geografia como a ciência que analisa o espaço geográfico deve contribuir com pesquisas para o combate ao racismo estrutural, institucional e individual (Almeida, 2019; Souza, 2021).

De acordo com Santos (2008) o espaço geográfico revela marcas das diferentes relações sociais ao longo dos séculos, reunindo a materialidade e a vida que a anima. Ao analisarmos os vestígios deixados pela atividade mineradora entre os séculos XVII e XIX na Serra do Lenheiro, sob a ótica do espaço geográfico, torna-se evidente que as formas que compõem a paisagem atual são fruto direto da intervenção humana sobre a natureza (Moraes, 1987).

Partindo do pressuposto de que as formas espaciais registram a trajetória histórica de uma sociedade e que, quando corretamente interpretadas, contribuem para a construção de sua verdadeira história (Costa; Suzuki, 2012). Este artigo propõe uma análise da paisagem da Serra do Lenheiro com base no conceito de rugosidade, desenvolvido por Milton Santos (1978; 1996).

A área em questão localiza-se na porção norte do município de São João del Rei, Minas Gerais, entre os limites oeste e noroeste da zona urbana (Santos, 2024). A paisagem da área de estudo demonstra os fixos do passado. No entanto, nem sempre isso é possível encontrar formas do passado materializadas na paisagem, já que muitas das vezes as formas passadas são apagadas (Santos, 2006).

A Serra do Lenheiro apresenta os fixos construídos durante o Período Colonial (1500-1822) a partir do trabalho dos sujeitos africanos escravizados nas minas (Furtado, 1959). Na atualidade esses objetos são apenas formas históricas na paisagem, porém, o fenômeno que deu origem a esses vestígios persiste, o colonialismo continua sendo um elemento constitutivo da sociedade contemporânea (Barbosa, 2023).

Ciente que o colonialismo é uma violência continuada no Brasil (Souza, 2021, Barbosa, 2023), a geográfica precisa dentro dos seus conceitos e categorias deve descrever e denunciar, a partir da história, todas as formas de violência e propor novos caminhos.

Geograficamente é preciso decodificar a paisagem através das rugosidades e, por meio delas, identificar as relações sociais que as moldaram, a fim de evidenciar os processos e as relações sociais que estão envolvidos na construção desses objetos, já que “a paisagem é um registro de época e um documento histórico de cultura”

(Moraes, 1988, p. 23). Desta maneira, os sítios analisados neste estudo são os resquícios da mineração do Período Colonial, sendo elas: “Betas”, “Canal dos Ingleses”, “Estrada Real” e os “Muros de Pedras”, os quais foram construídos na área de estudo durante a exploração do ouro e dos metais preciosos entre o século XVII e XIX.

Segundo o aporte teórico proposto, esses objetos podem ser vistos na paisagem como rugosidades, uma vez que, são formas espaciais do passado que permanecem como elemento constituinte do espaço e das dinâmicas locais (Furtado, 1959; Santos, 2006). E sabendo-se que, “as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho)” (Santos, 2006, p. 92), esses objetos, ao serem lidos geograficamente descrevem o período colonial, as técnicas utilizadas para a exploração das pedras preciosas e as relações sociais do trabalho escravo nas minas (1550-1888).

Ao analisar o conceito de rugosidade na Serra do Lenheiro, podemos pensar este ambiente como um lugar de memória do trabalho da população negra na construção do território brasileiro. Assim, ao trabalhar a Serra do Lenheiro como um lugar de memória escravocrata, o objetivo é contar a história territorial da sociedade brasileira para combater o “memoricídio” do apagamento sistêmico da história afro-brasileira (Pierre, 1993).

Assim como na Alemanha existem museus dedicados à memória do Holocausto (1933–1945), e na África do Sul instituições que narram o Apartheid (1948–1994), no Brasil os vestígios da mineração representam uma materialização concreta da escravidão. Reconhecer esses elementos na paisagem é uma forma de resistir ao esquecimento e ao apagamento histórico, constituindo um esforço pela preservação da memória das pessoas negras que foram escravizadas e traficadas de forma brutal por séculos.

Ao interpretar a paisagem da Serra do Lenheiro à luz do conceito de *rugosidade*, propomos uma leitura geográfica que se alinha à ideia de “história territorial” (Moraes, 1987), ao mesmo tempo em que rompe com o “epistemicídio” afro-brasileiro. Esse termo, segundo Carneiro (2005, p. 97), refere-se não apenas à negação e desqualificação dos saberes dos povos subjugados, mas também a um processo contínuo de produção da indigência cultural.

Nesse sentido, é importante considerar que tanto o *memoricídio* quanto o *epistemicídio* da população afro-brasileira operam como mecanismos de manutenção do colonialismo e do racismo estrutural. Esses processos, ao longo dos séculos, têm silenciado, marginalizado e desvalorizado essa população, relegando-a a uma “situação espacial duradoura” marcada pela pobreza e pela exclusão (Costa, 2021). Ao valorizar as heranças afro-brasileira no combate ao “memoricídio” e o “epistemicídio” do povo negro de origem Africana, pretende-se responder “como o conceito de rugosidade pode contribuir para o combate do “memoricídio” e “epistemicídio” da história afro-brasileira na sociedade brasileira?”.

Contudo, a realização desta pesquisa se justifica pela necessidade de conservar e preservar o patrimônio natural e histórico da Serra do Lenheiro, na busca por demonstrar para a sociedade brasileira a importância dela através das rugosidades e, por meio destes objetos, criar um lugar de memória sobre o período escravocrata. Sendo assim, o objetivo deste artigo é demonstrar a importância da preservação destes bens para combater o “memoricídio” e “epistemicídio” do período escravocrata e a busca pela conservação da Serra do Lenheiro advindo da sua importância histórica, ambiental e cultural.

A FORMAÇÃO COLONIAL DO SÍTIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL REI, MINAS GERAIS

O processo de colonização teve início em 1500, sendo um fator histórico não só do Brasil, outros países também tiveram o mesmo processo histórico, isto porque Portugal e Espanha, nos séculos XV e XVI, eram defensores deste processo. Mais tarde, especialmente no século XVIII, Holanda, Inglaterra, França e outros países europeus também participaram do mesmo sistema. Como consequência, esse processo histórico contribuiu para a acumulação originária do capital e consequentemente desenvolvimento capitalista no Ocidente europeu (Gorender, 2016).

Na época, Portugal era pioneiro de um novo tipo de tráfico na História Moderna, que consistia em escravizar pessoas negras trazidas pelos navegadores, que desciam pela costa ocidental africana. Sendo o Brasil colonizado por Portugal, que tinha

consigo uma forte experiência junto da escravidão, não poderia ser diferente na nova colônia. Logo, o sistema escravocrata foi implantado, mas não sem antes uma tentativa de escravizar os povos autóctones (leia-se, também, indígenas) (Furtado, 1959; Moraes, 1991). No momento inicial da colonização, os povos autóctones organizavam-se em sociedades tribais, ou seja, eram “aldeias autônomas, que circunstancialmente se agregavam em alianças efêmeras sob o comando de um líder carismático: um chefe guerreiro ou xamã (no caso dos Guaranis)” (Moraes, 1991, p. 296).

As tribos eram diversas, o que levava à diferentes culturas, crenças e costumes, mas essa organização no território não era bem-vista pelo colonizador, já que isso possibilita autonomia dos nativos que, de alguma forma, já conheciam o território em que viviam e que poderia ser útil em um ataque aos colonizadores e possíveis fugas (Furtado, 1959).

Tal como os povos autóctones, a população negra também foi escravizada, morta, violentada e dizimada no período colonial. Essa população teve sua origem no continente africano, a qual foi tirada das suas tribos originárias e trazidas para o Brasil, em condições sub-humanas, em navios negreiros, com início em 1530 e com duração por mais de 300 anos. Os africanos chegaram ao Brasil destribalizados, arrancados do meio social originário e convertidos à força em indivíduos dessocializados. O tráfico arrebanhou negros procedentes de inúmeras etnias, diversos dialetos, costumes, tradições e crenças (Gorender, 2016).

O trabalho dos sujeitos africanos escravizados que vieram do continente Africano no território brasileiro teve duração de mais de três séculos, acredita-se que tenha chegado aqui 4 milhões de pessoas negras escravizadas por meio de 12 mil navios negreiros (Souza, 2021). As pessoas negras escravizadas eram submetidas aos trabalhos nas lavouras de cana de açúcar, colheita do café e nas minas de ouro (Furtado, 1959).

Foi no século XVIII, entre 1702 e 1704, que ocorreu a descoberta do ouro, na encosta sul da Serra do Lenheiro denominado de Tijuco, nasce o primeiro núcleo de povoamento sanjoanense, denominado Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, em 1704, torna -se Arraial Novo do Rio das Mortes e, por fim, em 1713, vem a ser São João del Rei (Barbosa, 2019; Maldos, 2000; Santos, 2017). Atualmente, segundo o

último Censo Demográfico de 2022, o município apresenta uma população de 90.225 mil habitantes (IBGE, 2022).

Entre os anos de 1702 e 1704, a identificação de jazidas de ouro, uma das maiores riquezas daquele período impulsionou o crescimento acelerado do arraial. Atraídos pela possibilidade de enriquecimento, inúmeros indivíduos migraram para a região, promovendo um dinamismo que resultou na elevação do local à condição de principal sede da Comarca do Rio das Mortes, posteriormente transformada em vila (Ferreira, 2017, p. 17).

Na encosta sul do Tijuco, localizada na Serra do Lenheiro, a extração de ouro intensificou-se com o uso da mão de obra africana escravizada, a relação direta entre o relevo montanhoso e a exploração dos metais preciosos deixou marcas profundas na paisagem. Esses vestígios, remanescentes da atividade mineradora, constituem as rugosidades que ainda hoje caracterizam a fisionomia da Serra do Lenheiro, funcionando como registros materiais do processo histórico de ocupação e exploração do território (Santos, 2024).

Na obra *Formação Econômica do Brasil*, Furtado (1959) analisa as dinâmicas do trabalho nas minas e destaca o papel da mineração na expansão econômica do sul do país. O autor observa uma diferença marcante entre as regiões: “Ao contrário do que ocorreu no Nordeste, onde se partiu de um vazio econômico para a formação de uma economia pecuária dependente da açucareira, no sul do país a pecuária preexistiu à mineração” (Furtado, 1959, p. 96).

A extração do ouro transformou a região mineradora em um grande ponto de encontro de diversas populações, “a região mineradora foi alvo de uma grandiosa onda de migração e teve como protagonistas exploradores, colonos portugueses, negros, religiosos, mestiços, grandes proprietários, entre outros” (Cardoso, 2015, p. 18).

Não se conhecem dados precisos sobre o volume da corrente migratória que, das ilhas do Atlântico e do território português, se formou com direção ao Brasil no correr do século XVIII. Sabe-se, porém, que houve alarme em Portugal, e que se chegou a tomar medidas concretas para dificultar o fluxo migratório (Furtado, 1959, p. 92).

Essa migração contribuiu para a evolução da vila, deixando marcas nas construções históricas da cidade, expressadas nas ruas e nos casarios de características coloniais

e em suas suntuosas construções eclesiásticas de estilo barroco, os quais podem ser considerados patrimônio histórico da cidade (Cardoso, 2015).

A formação arquitetônica da cidade ganhou tanta importância ao longo dos séculos, que, em 1920, a cidade recebeu a visita de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, intelectuais ligados à Semana de Arte Moderna de 1922. Os quais, ao ver tanta modernidade no aspecto colonial, retrataram em textos e pinturas as edificações (Cagriota; Dias, 2017). Destaca-se o poeta-bandeirante Oswald de Andrade, que escreveu um poema sobre a cidade no livro 'Pau Brasil'. Nos versos, o autor descreve a paisagem da cidade. O poema está registrado no capítulo 'Roteiro das Minas', denominado de o Convite, o poeta ressalta os símbolos históricos da cidade, vejamos

São João del Rey
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro
Ide a São João del Rey
De trem
Como os paulistas foram
A pé de ferro
(Andrade, 1991, p. 87).

No poema, o autor cita a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a Igreja de São Francisco de Assis e o trem de ferro, construído na paisagem da cidade na época. Mesmo a Serra do Lenheiro não sendo citada diretamente, ele faz referência direta ao córrego do Lenheiro que tem suas nascentes localizadas na Serra (Ferreira, 2017; Santos, 2017).

Observa-se já aqui, alguns dos símbolos da cidade de São João del Rei já aparecem na descrição da paisagem, que na atualidade são patrimônios históricos da cidade, tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esses elementos podem ser vistos como símbolos porque, ao longo do tempo, eles permaneceram na paisagem do município com a mesma importância. Isso só foi possível porque os valores culturais da população sanjoanense celebram ativamente esses símbolos fazendo com que seu significado perpetue ao longo do tempo (Cosgrove, 1998).

Algumas destas celebrações podem ser vistas na tradicional Semana Santa, espetáculo da tradição barroca religiosa, que ocorre anualmente na cidade, as

cerimônias religiosas acontecem nas igrejas de São Francisco de Assis, Nossa Senhora das Mercês, Igreja Nossa Senhora do Rosário e na catedral basílica de Nossa Senhora do Pilar, algumas delas citadas no poema. Essas tradições fazem a manutenção destes símbolos (Cardoso, 2015).

Na contemporaneidade, esses símbolos são considerados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônios simbólico da história e da arte nacional, os quais devem ser preservados e valorizados, como representantes da nacionalidade brasileira. Entretanto, é preciso levar em consideração o ambiente na qual esses objetos foram construídos, no Período Colonial, uma época de extrema violência, autoritarismo e perseguição. Assim, quando levamos em consideração que “as cidades coloniais e a arte barroca são apresentadas como elementos de nossas raízes, da memória nacional e de identidade genuína brasileira” (Costa; Suzuki, 2012, p. 13), temos uma série de problemas, entre eles, a falta de representatividade, já que em boa parte da história, a qual foi vivenciada por negros e os povos originários e não há representação desses personagens nessas obras.

Pensando que é preciso fazer uma leitura integrada do contexto histórico destes elementos, a paisagem da Serra do Lenheiro vem a ser um caminho viável para pensar como foi o ambiente no qual esses elementos foram construídos. Se não fizermos isto, manteremos um “memoricídio” dessas populações já que

os objetos estéticos da colonização portuguesa na América (materializados nas cidades coloniais), desde sua apresentação, são cultuados sem a carga de dominação que carregaram desde a sua gestação. O jugo colonial ali permanece, na matéria e na dinâmica das cidades e da arte, para ser decifrado em nome das minorias étnicas negligenciadas. Esses bens precisam ser lidos como objetos híbridos da luta pelo controle territorial, e não como meras caricaturas da história do território (Costa; Suzuki, 2012, p. 2, grifos nossos).

Analisarmos esses elementos sob a ótica do conceito de rugosidade de Santos (2006), podemos pensar este ambiente como um lugar de memória do trabalho da população negra em situação escravizada na construção da cidade de São João del Rei.

Essas formas espaciais são a concretização das relações sociais, as quais são conduzidas pelas relações culturais, econômicas, políticas e ideológicas (Moraes, 1988). Os objetos de origem coloniais materializados na cidade de São João del Rei

são a representação de todo o contexto histórico da nossa formação social, a qual ficou fixada na paisagem da cidade colonial. Considerando que:

As formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesses, necessidades, utopias. São projetos dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais) na contínua e cumulativa antropomorfização da superfície terrestre (Moraes, 1988, p. 22).

Ao fazemos a leitura destes objetos, vê-se uma relação de poder, baseada na desumanização, por meio do preconceito e discriminação étnico-racial, na busca pela hegemonia da economia da Coroa Portuguesa. Desta maneira, as relações sociais do período colonial e escravocrata permanecem na paisagem materializada nas construções coloniais dos casarões, ruas e igrejas do período colonial (Costa; Suzuki, 2012; Santos 2024).

Assim, também é a origem das rugosidades da Serra do Lenheiro foram construídas, já que a mão de obra escravizadas era principal forma de exploração das minas, assim os resquícios da mineração do Brasil Colônia na Serra do Lenheiro são a materialização concreta da imposição étnico-racial por meio do trabalho escravo (Furtado, 1959; Santos, 2024).

Dessa forma, as rugosidades da Serra do Lenheiro são resquícios da mineração do Brasil Colônia e heranças da imposição étnico-racial (racismo) dos colonizadores sobre a população negra, demonstrando a hegemonia cultural branca colonial. Esses objetos expressam o poder e a violência sobre os corpos negros (Santos, 2024).

A PAISAGEM SERRANA DO LENHEIRO E SUAS RUGOSIDADES

Para Santos, (2021, p.79), “a paisagem é a materialização de um instante da sociedade”; e por meio dos objetos cristalizados no espaço (como estradas, redes elétricas, infraestruturas) é possível identificar as técnicas utilizadas para sua criação. Entretanto, segundo o autor, é preciso pensar paralelamente às técnicas, as condições econômicas, políticas e culturais para desvendar as dinâmicas espaciais que nem sempre são visíveis. Visto que são as forças produtivas que compõem o espaço.

Considerando que as relações sociais são eixos geradores de técnicas e que dão origem aos objetos fixos na paisagem, e que “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço” (Santos, 2008, p.173), buscamos analisar na paisagem da Serra do Lenheiro os resquícios da mineração do Brasil Colônia do século XVIII e XIX, “Canal dos Ingleses”, os “Muros de Pedras” e as “Betas” com a finalidade de desvendar o contexto social da produção desses objetos. Segundo Milton Santos, podemos denominar como rugosidade o que

fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, **as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho**” (Santos, 2008, p.140, grifos nossos).

Na atualidade, essas rugosidades da Serra do Lenheiro se apresentam na paisagem como arranjos, já que existem diversos resquícios da mineração na área de estudos. Essas formas simbólicas presentes na paisagem são a materialidade concreta da colonização brasileira. Dito isso, ao analisarmos os resquícios da mineração sobre o conceito de rugosidade, estamos procurando identificar qual o resultado social desses elementos na sociedade, já que esses objetos apresentam a implicação material e social de um processo histórico, demonstrando as ações e os movimentos sociais envolvidos na sua construção (Moraes, 1987).

A mineração nas minas contribuiu não só para a formação econômica do país, mas também para a expansão territorial, com a necessidade de exportação das matérias-primas encontradas nas minas, as estradas foram abertas entre as montanhas de minas. Entre elas a Estrada Real (Caminho Velho e Novo), o caminho velho corta o relevo da Serra do Lenheiro por onde era feito o transporte do ouro e por onde a coroa portuguesa passava na época (Ferreira, 2017).

A Estrada Real Caminho Velho é uma das primeiras rugosidades a ser vista na paisagem da área de estudo, ela representa a história da nossa construção social, econômica e territorial. A Estrada Real é a marca da interação do homem com a natureza, e é por meio destas que conhecemos as histórias, a economia e as

estruturas sociais de determinada época; outra rugosidade também encontrada na Serra do Lenheiro é o “Canal dos Ingleses” (Figura 1).

Figura 01: Canal dos ingleses: parte interna.



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

O Canal dos Ingleses, localizado na Serra do Lenheiro, foi construído com mão de obra escravizada para conduzir água destinada à lavagem do cascalho aurífero. Seu traçado principal, ainda perceptível na paisagem, possui aproximadamente 1,5 a 2 km de extensão e desemboca em um reservatório conhecido como *mundéus*. Em razão de sua relevância histórica, cultural, arquitetônica e arqueológica, o canal foi tombado como bem cultural do município de São João del Rei pelo Decreto nº 6.747, de 9 de novembro de 2016 (Ferreira, 2017, pp. 277).

Segundo um estudo realizado pela Secretária do Municipal de Cultura e Turismo de São João Del Rei, em 2016, o canal teve sua construção no século XVIII, sendo o proprietário da época João Rodrigues da Silva. Assim, de acordo com o documento, a função do canal era:

Fazer a água percorrer pela encosta serrana, onde não havia nascentes próximas aos veios de ouro encontrados, com o objetivo de propiciar a lavagem do cascalho aurífero. Ele se desenvolve em curva de nível fazendo

a conexão entre a Serra do Lenheiro e o Alto do Senhor dos Montes passando pelo Morro das Almas e Serra do Caititu (Arquivo da SMCT, 2016, p. 15).

Atualmente, essa rugosidade não está sob a proteção direta de nenhum órgão de preservação, seja municipal, estadual ou federal. A pensar dele está em parte dentro da poligonal do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro e como a paisagem da serrana do Lenheiro é tomada para fins paisagístico, ele faz parte deste tombamento (SMCT, 2016).

De acordo com Ferreira (2017) assim como o ouro era precioso na época, a água também era de extrema importância, tanto que o canal dos ingleses foi construído justamente para fazer a distribuição da água no relevo montanhoso, com destaque para disques, conhecidos como mundéus, imensos reservatórios retangulares, ou semicirculares, construído por pedras ligadas por argamassa ou barro. Essa engenharia tinha um funcionamento muito complexo para época, entretanto, na busca pelo ouro, a estrutura do relevo foi transformando-se e a construção das barragens foi uma das medidas tomadas à época, assim:

Foram construídas barragens artificiais a montante, escavados canais (o principal foi o Canal dos Ingleses) que traziam água por gravidade de nascentes até os locais onde os detritos rochosos ricos em ouro retirados das escavações subterrâneas - túneis localmente conhecidos como Bêtas, e dispostos para o beneficiamento em baixios escavados no terreno barrados a jusante por muros de pedras justapostas ou de terra impermeabilizados com argila, os denominados Mundéus. Outra forma de explorar os detritos rochosos ricos em ouro, era através de cortes que buscavam os planos de fraturas da rocha quartzítica, também localmente denominados de Grupiaras (Figueiredo *et al.*, 2018, p. 64).

Esses são resquícios da mineração do período pré-industrial vigente no Brasil colonial setecentista – anterior ao século XIX – (Figueiredo *et al.*, 2018), e, sobretudo, os resquícios da exploração da região pelo colonizador, que acabou deixando marcas no relevo. Considerando que, “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura” (Cosgrove, 1989, p. 102).

Esses elementos construídos na paisagem podem ser tidos como patrimônio cultural histórico da cidade de São João del Rei. Bem como, deva ser considerado um patrimônio nacional, já que é um registro vivo da nossa formação territorial.

Entretanto, diante da tomada de consciência do que foi o Período Colonial, um momento extremamente racista que criou na sociedade desigualdades abissais ao

longo do tempo; e sabendo que os casarões, igrejas e palácios do Período Colonial têm sido tratados como parte da identidade nacional e que pouco representa a verdadeira história da nossa formação territorial e são parte de uma hegemonia cultural branca colonial.

Os elementos construídos na paisagem da Serra do Lenheiro podem, na atualidade, ser considerados instrumentos de luta contra o colonialismo, uma vez que diferente dos casarões, igrejas e palácios do período, eles não foram construídos para mostrar o poder da elite da época e nem pertencem à cultura hegemônica. Pelo contrário, eles são resquícios da imposição étnica racial dos colonizadores sobre a população negra. Outra rugosidade encontrada na paisagem da Serra do Lenheiro são os Muros de Pedras (Figura 2) que podem ser vistos ao longo das trilhas da Serra, esses são muros construídos com pedras da região, construídos na paisagem com a função de divisão da sesmaria.

Figura 02. Muro de Pedra ou Muro de Sesmaria



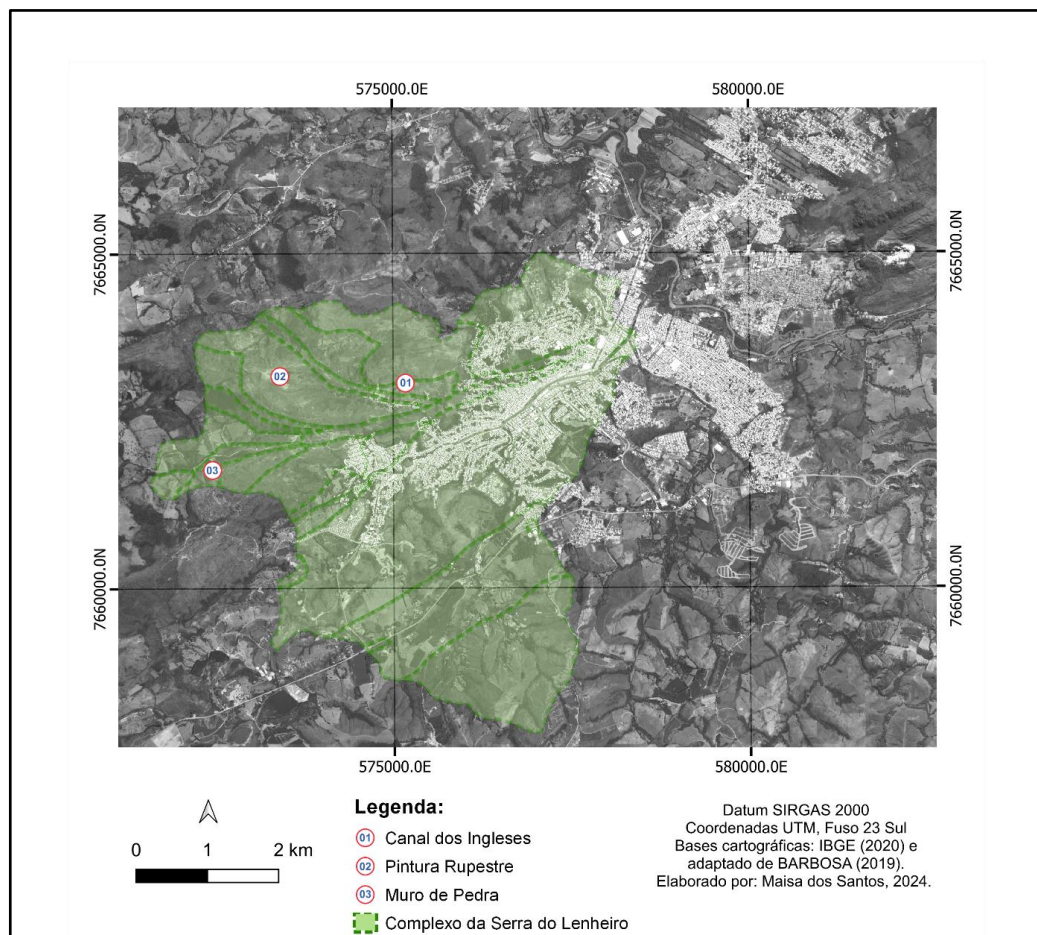
Um pequeno trecho do muro que fica localizado próximo ao bairro Senhor dos Montes, em toda a paisagem da Serra existem resquícios do muro de pedra. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

“Na comarca do Rio das Mortes. Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens” (Ferreira, 2017 p. 217). Sesmaria era o sistema de doação de terra feita pela coroa portuguesa entre os séculos XVI e XIX “no qual a terra se constituía em privilégio de doação, em monopólio privado de uma classe na qual seus participantes detinham títulos de nobreza auferidos pelo rei de Portugal” (Silva, 2021, p. 86).

Dentro do Complexo da Serra do Lenheiro (MAPA 1) é possível observar a localização de um trecho de um dos “muros de pedra” (muro de sesmaria) na Serra do Lenheiro e o “canal dos ingleses”. Os muros são vistos em diferentes partes da área de estudo e possuem diferentes localizações. Em seu estudo Ferreira (2017) aponta existir mais de 40 na área. Os resquícios do canal dos ingleses estão localizados bem próximo à área urbana.

Outro aspecto que também chama a atenção na paisagem da Serra do Lenheiro são os sítios arqueológicos, datados da “Pré-História”, no mapa é apresentado o sítio arqueológico no Morro dos Três Pontões, e sua proximidade com os resquícios do “canal dos ingleses” e os “muros de pedra” (Resende et al., 2006).

Figura 03: Complexo da Serra do Lenheiro e suas rugosidades.



Fonte: Bases cartográficas IBGE (2020) e adaptado de Barbosa (2019). **Elaborado:** Pelas autoras (2024).

Já as “Betas” (figura 4) são galerias de mineração em talho fechado, espalhadas em pontos distintos da Serra do Lenheiro, essas, assim como o canal dos ingleses, são

engenharias construídas à época para a exploração dos minerais preciosos, na busca para obter o máximo de lucro possível no material escavado, modificando a paisagem da Serra pela intervenção humana (Figueiredo, et al., 2018), e deixando a herança do trabalho dos escravizados.

Com relação às “Betas”, algumas estão situadas nas áreas de encosta da Serra do Lenheiro, outras em áreas públicas ou em lotes residenciais (Silva, 2021, p. 3). Ainda segundo a autora, existe no município de São João del Rei a chamada “cidade invisível”, já que as “Betas” são galerias no subsolo da cidade. Na paisagem atual da Serra e do município, são conhecidas três “Betas” principais, a mais famosa é a Mina Tancredo Neves e as outras duas são Beta do barracão e a Mina do Tanque (Silva, 2021).

Figura 04. Betas.



As Betas são galerias subterrâneas de mineração em talho fechado **Fonte:** Para não queimar o futuro (2021).

Essas “Betas” estão na proximidade da Serra e estão ligadas a exploração do ouro na Serra do Lenheiro. Ainda existem poucos estudos sobre esses objetos e o descaso do poder administrativo é uma realidade. Esse espaço muitas das vezes é usado para

depósito de lixo e ainda existem “constantes ameaças de desabamento” em algumas delas (Silva, 2021).

Estes elementos na paisagem da Serra Lenheiro demonstram a historicidade do passado do território brasileiro e a sua formação social. Os quais foram fixados no solo através das relações sócio-políticas da época e sobretudo demonstra a realidade do período colonial e suas ideologias (Moraes, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode observar é que a área de estudo tem materializada na paisagem da Serra do Lenheiro rugosidades da mineração aurífera do período escravocrata. Esses objetos na paisagem demonstram as relações sociais, econômicas e culturais da época. As rugosidades no relevo serrano do Lenheiro são memórias e marcas de um passado que conta a história da formação territorial brasileira. Os resquícios da mineração mostram como era o trabalho escravo nas minas para a exploração das pedras preciosas.

O retorno às rugosidades da Serra do Lenheiro, observamos um momento de extrema violência, barbaridade e opressão da população negra submetida ao trabalho escravo. A preservação destes bens pode contribuir como pauta de luta contra o “memoricídio” e “epistemicídio” do período escravocrata. E a não preservação destes objetos contribui para o apagamento histórico da população afro-brasileira.

Assim, o conhecimento sobre essas rugosidades pode contribuir para a formação de novas relações sociais e principalmente raciais, na busca por novas sociabilidades e superando o apagamento da histórico territorial. Geograficamente, a realizamos a leitura das rugosidades da mineração podemos desvendar a “história territorial” da sociedade brasileira realizando uma ruptura com o “epistemicídio” afro-brasileiro.

A preservação dessas rugosidades também pode incentivar para a conservação da Serra do Lenheiro. Uma vez que sua área ambiental também corre grave risco de degradação ambiental por falta de proteção do poder público. O ambiente serrano do Lenheiro precisa ser preservado e conservado devido a sua importância ambiental para fauna e flora local e para a preservação dos bens construídos durante o período colonial. Assim como as igrejas históricas e os casarões são tombadas pelo Instituto

do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), é necessário que esses objetos sejam vistos como patrimônio da sociedade brasileira e preservados.

As “Betas”, “Canal dos Ingleses”, “Muros de Pedras” são apenas alguns dos resquícios da mineração do período colonial na área de estudo, o apagamento e abandono desses bens na paisagem da Serra do Lenheiro, colabora para o “memoricídio” do período escravocrata. Esse patrimônio materializado no relevo serrano pode ser visto como material didático para aulas práticas na Serra do Lenheira para diversas áreas da ciência como a História, Geografia, Economia e para os turistas que visitam a cidade para conhecer a sua história colonial não só pelo patrimônio cultural do centro histórico (casarões, igrejas e ruas), mas também pelos resquícios da mineração na Serra do Lenheiro o qual completa a paisagem colonial da cidade de São João del Rei.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. 1ª ed. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, T. **Manual de anticolonialismo: volume I: A construção do anticolonialismo hoje**. Uberlândia, MG: Núcleo Teoria Anticolonial, 2023.

BARBOSA, H. S. L. **As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da Serra do Lenheiro, São João Del-Rei, Minas Gerais**. 88 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), Ouro Preto, 2019. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/ppgeog/Helton%20Santos%20Lopes%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CARDOSO, L. L. **Quantas Histórias tem São João Del-Rei?: memórias de professores de História e suas relações com o patrimônio cultural local**. 113 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2015. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/pghis/DissertacaoLucasLopesCardoso.pdf>. Acesso: 02 jun. 2025.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 339 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

COSGROVE, D. **A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. PAISAGEM, TEMPO E CULTURA**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, E. B. da; SUZUKI, J. C. A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 26, n. 418, nov. 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-418/sn-418-6.htm>.

COSTA, E. B. Patrimonio-territorial y territorio de excepción en América Latina, conceptos decoloniales y praxis. **Revista Geográfica Venezolana**, v. 62(1), 109-127. 2021. <https://doi.org/10.53766/RGV/2021.62.01.05>

DIAS, D. N.; CASTRIOTA, L. B. São João Del-Rei, Laboratório do Pensamento Modernista: os agentes e o IPHAN. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro (RJ), n. 29, p. 66-82, dez. 2017. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq29%20ART%2004.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2025

FERREIRA, A. C. **Serra do Lenheiro, um conjunto de geossítios e suas inter-relações constituindo um relevante geoheritage**. Dissertação de Mestrado, São João Del-Rei, Universidade Federal de São João del- Rei, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

FIGUEIREDO, M. do A.; et al. Patrimônio Mineiro e valorização dos testemunhos da mineração pretérita: resquícios existentes na Serra do Lenheiro, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, número especial 1, p. 55-69. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/P.2318-2962.2018v28nespp55>. Acesso em: 05 nov. 2024. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2018v28nespp55>

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 1º. edição. São Paulo: 1959. Editora Fundo de Cultura.

GORENDER, J. **O escravismo colonial**. 6ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/Escravidismo-Colonial-Web.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (São João del-Rei). **Panorama de São João del-Rei**. [S. I.], 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>. Acesso em: 12 jun.

2025.

MALDOS, R. Formação urbana da cidade de São João Del-Rei. **São João Del-Rei Transparente**, São João del Rei, 2000. Disponível em: <https://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/605>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. 1991. 384 p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1991.

MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec. 1ª Edição. 1988.

MORAES, A. C. R. COSTA., W. M. **Geografia Crítica: A Valorização do Espaço**. São Paulo: Hucitec. 2ª Edição. 1987.

RESENDE, M. L. C. de; TORRES, M. R.; MATOS, V. V. Arte rupestre em terras barrocas: um estudo de caso do sítio pré-histórico da Serra do Lenheiro. **Vertentes**, São João del-Rei, n. 27, p. 7-15, jan./jun. 2006.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. SOUZA, A. A. SILVEIRA, M.L. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec. 4ª Edição. 1998.

SANTOS, Maisa dos. **Nem Tudo Que Reluz é Ouro**: Dos Símbolos Coloniais da Serra do Lenheiro para a sua percepção ambiental. 157 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2024.

SANTOS, Tiago Gonçalves. **Modelagem como apoio ao planejamento urbano-ambiental e a redução de riscos na Bacia do Córrego do Lenheiro**. 106 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2017.

SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil 1º ed. Estação Brasil, 2021.

Maisa dos Santos

Possui graduação em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2022). Realizou estágio no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, na Unidade Técnica de 2º Nível em Uberlândia (2021) - Minas Gerais. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal

de Uberlândia - UFU pelo programa de Pós-Graduação em Geografia onde atualmente é aluna de doutorado e bolsista CAPES na linha de Educação Geográfica e Representações Sociais.

Maria Beatriz Junqueira Bernardes

Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2001) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2007). Atualmente é professora associada 2 da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva.